

Nossa compreensão neste ponto é similar ao que imagino ter sido o estado daqueles que primeiro descobriram o fogo. Eles sabiam que o fogo existia porque tinham-no experienciado; mas, inicialmente, eles não sabiam como criá-lo. Sob certas condições ele às vezes aparecia. Pouco a pouco, então, eles aprenderam a criar o fogo sob condições especiais. Aí, com conhecimento muito sofisticado, o fogo pôde ser criado sob condições "impossíveis", debaixo d'água, por exemplo. Sabemos que a cura é possível, que estados de consciência "plenos de potencial de crescimento" existem, que é possível viver criativamente junto, conhecemos algumas condições que parecem facilitar esses processos. Talvez neste "como" — este processo de despertar e de entrega a nossa verdadeira natureza, ao processo da vida, de tornar-se mais sensível a nossa experiência imediata, de ser preenchido pelo frescor e riqueza do momento vivo presente, renunciando à tolice — também repouse o "porque", as implicações deste evolvente padrão de percepção interior.

### O que é uma Abordagem Centrada na Pessoa?

Naturalmente, a resposta para esta pergunta não está completamente colocada aqui. Entretanto, um aspecto, uma colocação emergente da discussão, é que estas abordagens parecem girar em torno de entrega e crença. Entrega a uma sabedoria oriunda de dentro para guiar a vida. E confiança na jornada a que a entrega conduz, abrindo-se ao frescor da brotante consciência da sua realidade. As abordagens centradas na pessoa não almejam o desenvolvimento de uma nova raça de pessoas com super habilidades ou com este ou daquele tipo. Elas parecem envolver o incremento das sensibilidades da pessoa para ouvir e ser guiada pela própria experiência interior, pelo mestre interior, sensibilidade para um despertar para a própria experiência viva total, organizando esta consciência, esta energia, em torno do centro da pessoa; não em torno de uma filosofia de individualismo ou "grupismo". Poderia um conjunto de palavras, uma filosofia, não importa quão eloquentemente aperfeiçoada, conter de alguma forma a sabedoria que se abriga em um coração humano?

## TERAPIA DE GRUPO CENTRADA NA PESSOA<sup>1</sup>

John K. Wood, Ph. D.

### Introdução

*Isto é o melhor que nos pode acontecer — o que a Providência nos conceda talvez: não ser admirado por ou solicitado a ser bem-sucedido, mas simplesmente ser admitido como parte de uma realidade inegável, como pedras da estrada, como árvores.*

Jorge Luis Borges (1972, p. 27)

Os meados dos anos trinta abrigaram uma importante transição para um jovem psicólogo do Departamento de Estudo da Criança da Society for the Prevention of Cruelty to Children de Rochester. Carl Rogers estava tratando a mãe de um menino com sérios problemas de comportamento, tentando ajudá-la a perceber os padrões de sua rejeição precoce à criança. Entrevista após entrevista, aplicando habilmente o seu "Freudianismo eclético", sutil e pacientemente interpretava para a mãe o seu comportamento. Após um persistente fracasso em evocar-lhe o *insight* adequado, terapeuta e paciente admitiram a derrota.

Hesitando à porta do consultório, a mãe virou-se e perguntou: "Você aceita adultos para aconselhamento, aqui?" Quando Rogers assentiu, ela replicou: "Bem, então eu gostaria de receber alguma ajuda".

Retornando à cadeira, ainda quente do excesso de interpretações, ela desatou o seu desespero, senso de fracasso e confusão.

"Eu fiquei perplexo", escreve (1972) Rogers. "O que ela estava me dizendo não tinha nenhuma semelhança com a história "certinha" que eu tinha deduzido dela. Eu sabia muito pouco sobre o que fazer, mas, na maior parte, eu ouvi. Finalmente, depois de muitas outras entrevistas, não só a sua relação matrimonial melhorou.

1. "Person Centered Group Therapy", capítulo de G. Gazda, *Basic approaches to group psychotherapy and group counseling*, 1980.

como o problema de comportamento de seu filho desapareceu, à medida que se tornou uma pessoa mais real e livre.

... Isso foi uma aprendizagem vital para mim. Segui a conduta dela, ao invés de seguir a minha. Apenas *escutei*, ao invés de tentar empurrá-la no sentido de uma compreensão diagnóstica a que eu chegara." (p. 8)

• Experiências como essas, e não filosofia, mudaram a abordagem de Rogers à psicoterapia e formaram as sementes da terapia centrada no cliente. Da prática atual da psicoterapia veio o reconhecimento de que é o cliente quem sabe quais são os problemas urgentes e quando a urgência não mais existe. Através do ouvir sensitivamente, a terapeuta centrada na cliente detectava uma *pessoa* entre os sintomas, conjuntos de comportamentos, sensações, emoções, motivos, desejos, crenças. Na complexidade da pessoa total foi encontrada a capacidade para autocura e crescimento da consciência. Encarnado na pessoa, o mistério essencial de todas as coisas vivas, a realidade de que — sob condições favoráveis — *pode-se* confiar no desenvolvimento de suas capacidades em direções que construtiva e criativamente são úteis a ela como indivíduo ou como membro da espécie humana.

1 A 11 de dezembro de 1940, num discurso na Universidade de Minnesota, Rogers despertou furor entre os *scholars* e profissionais de saúde mental esboçando uma abordagem terapêutica radicalmente diferente. Experimentalmente ele delineou *Novos Conceitos em Psicoterapia* que repousam "muito mais marcadamente no impulso individual para o crescimento, saúde e ajustamento." A terapia se transforma "numa questão de libertar (a cliente) para o crescimento e desenvolvimento normais". Esta nova abordagem, proclamou Rogers, "coloca uma maior ênfase nos aspectos de sentimento da situação do que nos aspectos intelectuais". Enfatiza "a situação imediata" ao invés de enfatizar "o passado do indivíduo", enfatizando "a própria relação terapêutica como uma experiência de crescimento" (Rogers, 1974 p. 8) Nos vinte anos seguintes, através de estudos empíricos, as condições para a realização das ambições desta "nova terapia" foram meticulosamente formuladas na teoria e na prática. A terapia centrada no cliente dedica-se, ainda a descobrir as condições que favorecem a ativação da cura e do crescimento na pessoa.

2 • Ainda que grupos de terapia centrados na pessoa existissem desde os anos quarenta, foi o início da década de sessenta que testemunhou o florescimento da terapia de grupo centrada na pessoa. Esta abordagem, enfatizando o tempo presente, obteve rapidamente resultados favoráveis em várias áreas em que são fundamentais as

relações humanas, incluindo: ensino em sala de aula (Swenson, 1974), treinamento de professores (Aspy & Roebuck, 1974, que também demonstraram que o progresso do estudante está relacionado com qualidades terapêuticas nos professores) e trabalho com facções em guerra na Irlanda do Norte (McGaw & Rice, 1973), além da psicoterapia. As aprendizagens oriundas da terapia de grupo centrada na pessoa encaixaram-se no campo da psicoterapia e da educação e, como outros conhecimentos psicológicos, foram absorvidas pela prática diária de comunicação.

Na década de setenta, a expressão *centrada na pessoa* impôs-se com relação a *centrada no cliente*. O termo é utilizado para refletir a atitude da terapeuta com relação à pessoa. A terapeuta não vê um *paciente* que está doente, nem um cliente que é um freguês. A terapeuta centra sua atenção, não na teoria, ou em si própria mas no outro, na *pessoa inteira*.

3 • O "pequeno" grupo terapêutico centrado na pessoa, constando de oito a doze pessoas com uma ou duas terapeutas, revolucionou a prática da psicoterapia. Com o advento do grupo de encontro, não foi mais possível fazer uma distinção precisa entre "terapia" e "crescimento". Em 1968, o La Jolla Program (uma instituição do Center for Studies of the Person) começou um programa educacional para facilitadoras de grupo, realizando grupos breves de 50-100 pessoas. Em 1973, Rogers e outras colegas iniciaram uma nova forma de trabalho de grupo centrado na pessoa: mais de cem pessoas vivendo juntas por duas semanas mais ou menos, em uma *comunidade de aprendizagem* grupo-dirigida; sendo sua única atividade planejada, além das refeições, reunir-se em um grande encontro onde todos os planos do grupo são feitos e decisões tomadas. *Workshops* centrados na pessoa têm sido promovidos nas Américas do Norte e do Sul, Ásia e Europa.

4 • T.A. Esta abordagem centrada na pessoa da psicoterapia de grupo (ainda que não negue a desordem) fundamenta-se nas naturais tendências da vida para a ordem. Respeita o mistério ao mesmo tempo em que anseia pelo saber. Buscando ambiciosamente, penetrando profundamente em especulações e teorias, buscando uma sabedoria além da percepção interior consciente ela continua a retornar aos processos essenciais da vida para uma perspectiva. A terapia de grupo centrada na pessoa reconhece não uma teoria, mas "a pessoa humana interior, única, subjetiva, como o digno e válido núcleo da vida humana" (Rogers, 1974, p. 9).

Este capítulo é um esforço não apenas por revisar o desenvolvimento da teoria, prática e pesquisa da terapia de grupo centrada na pessoa, mas também para provocar algo de seu espírito essencial pela formulação aqui de um vivo enunciado teórico.

## Definições

5. Resolver uma relação conturbada, solucionar um problema pessoal, reorganizar a vida após a perda de alguém amado, aliviar o stress físico ou mental, descobrir o significado da vida, realizar potencialidades humanas são algumas das muitas razões que levam as pessoas ao grupo terapêutico. Para fins de definição de abordagens centradas na pessoa, diz-se estar a pessoa que vem à terapia em um estado de incongruência.

6. A incongruência é definida como um estado (geralmente desassossegado) em que existe uma discrepância entre o eu, tal como é percebido, e a experiência presente do organismo total (tudo que é potencialmente disponível à consciência, que está ocorrendo no organismo em um dado momento).

7. Eu ou conceito do eu é definido como a "gestalt conceptual, organizada e consistente, composta das percepções das características do 'eu' ou 'me' e das percepções das relações do 'eu' ou 'me' com os outros e com os vários aspectos da vida, juntamente com os valores relativos a estas percepções" (Rogers, 1959, p. 200).

8. O processo através do qual uma pessoa se torna consciente desta incongruência e também os meios através dos quais a discrepância é reduzida, é chamado *experenciar* (Gendlin, 1978; Gendlin et al., 1968).

9. *Experenciar* é definido por Gendlin como um processo fisicamente sentido de eventos contínuos concretos aos quais a pessoa pode sempre referir-se diretamente. Por exemplo, se alguém quer recolocar, para um ouvinte confuso, o que acaba de ser relatado, mas em palavras diferentes, deve intimamente atentar para o significado sentido, que Gendlin denomina de *referente direto*. Pode, então, chegar a diferentes palavras associadas a este referente direto, a partir das quais uma colocação nova pode ser formulada. Atentar para um referente direto à medida que ele se modifica é o que Gendlin chama de *enfocação*. Desta forma, uma pessoa pode vir a descobrir e viver harmoniosamente com seu experenciar, que é superior ao saber palavras e conceitos, e é um guia para os conceitos. Experenciar num grupo terapêutico pode acontecer em silêncio, num encontro com outro membro ou outros membros do grupo, ou durante uma interação com o terapeuta.

10. O experenciar — esses momentos de movimento interior, quando uma pessoa se torna mais integralmente a sua realidade — não é provocado pelo terapeuta; é uma manifestação na pessoa da capacidade natural e da tendência para cura e crescimento. Esta tendência, admitida como axioma básico da terapia de grupo centrada

na pessoa, é chamada de *tendência formativa* e é definida da seguinte forma:

11. É admitido como hipótese que existe uma *tendência formativa* direcional no universo, que pode ser seguida e observada no espaço estelar, cristais, nos microrganismos, na vida orgânica, nos seres humanos. Esta *tendência* é uma *tendência evolucionária*, no sentido de maior ordem, maior complexidade, maior inter-relação. Na espécie humana ela se desenvolve a partir de uma simples origem celular, até o funcionamento orgânico complexo, até o saber e sentir abaixo do nível da consciência, até um dar-se conta conscientemente do organismo e do mundo externo, até uma consciência transcendente da harmonia e da unidade do sistema cósmico incluindo a humanidade (Rogers, 1979, p. 106).

12. Esta *tendência*, chamada *tendência atualizante* quando aplicada ao desenvolvimento humano, é operativa, durante todo o tempo, para o desenvolvimento de todas as "capacidades da pessoa, em sentidos que sirvam para manutenção ou crescimento do organismo" (Rogers, 1959, p. 196).

13. O objetivo (e a arte) da terapia de grupo centrada na pessoa é facilitar a criação de um clima em que a *tendência formativa* possa expressar-se livremente em cada pessoa e no grupo de pessoas. Um evento em que isto ocorre é o que se define como *terapia de grupo centrada na pessoa*.

## Fundamentos Teóricos

"Ele surgiu inicialmente no mundo inerte, e da mineralidade ele se desenvolveu no reino da vegetação. Assim viveu durante anos. Passou então a um estado animal, privado da lembrança de ter sido vegetal. Exceto por sua atração pela primavera e por flores..."

"De reino para reino veio o homem, atingindo este racional, inteligente e robusto estado atual — esquecendo formas primitivas de inteligência."

"Assim também ele deve ultrapassar a forma atual de percepção... Existe um milhar de outras formas de Mente... Por causa da necessidade o homem adquire órgãos. Assim, necessitado, aumenta a tua necessidade."

Jalaluddin Rumi (Foster, 1979, p. 225)

14. A base teórica da *terapia de grupo centrada na pessoa* está emergindo da prática, da pesquisa e da teoria da terapia individual centrada no cliente. A *terapia centrada no cliente* cresceu a partir

do trabalho constante com pessoas em psicoterapia. A retroalimentação oriunda da pesquisa — ela própria estimulada a partir de hipóteses e especulações que brotam da experiência — revisou e aperfeiçoou tanto a abordagem à terapia quanto os conceitos utilizados para formular uma teoria. E refinamentos na prática conduziram a novos enunciados, surgiram novas avenidas de pesquisa. Apresentamos aqui o material a partir do qual estão emergindo novas formulações da teoria.

Será conveniente para esta discussão pensar na terapia individual — um terapeuta com um cliente — como um grupo de duas pessoas. Será então formulado um enunciado teórico que poderá ser aplicado a três classes de eventos: o grupo de duas pessoas, o pequeno grupo (até mais ou menos 20 pessoas), e o grande grupo (mais de vinte pessoas).

### Grupo de Duas Pessoas

No início dos anos sessenta, uma teoria foi bem assentada sobre um axioma fundamental, era uma visão da natureza humana nascida da experiência prática. Este axioma (um corolário da tendência formativa) estabelece que *cada pessoa é capaz de experienciar a incongruência entre o conceito do eu e sua realidade orgânica total; existe também dentro da pessoa uma tendência natural para reorganizar o conceito do eu, no sentido de uma congruência mais estreita com a totalidade da experiência.*

“Este potente impulso para o desenvolvimento”, escreve Betty Meador (1975), repousa no interior do indivíduo, mascarado pelos deveres e obrigações da cultura, frágil pela falta de nutrimento, fraco contra as ambições do ego, mas um poderoso e único potencial, pronto a ser liberado. Um indivíduo pode participar, pôde facilitar seu próprio crescimento tornando-se consciente e trabalhando com [essas] forças interiores da vida.” (p. 177).

Esta tendência natural não tem forma e pode tomar muitas formas. Para uma pessoa, movimentar-se no sentido de tornar-se a totalidade de sua experiência pode significar a mudança de um parceiro de relacionamento, ou de uma profissão; para uma outra pode significar um viver mais comprometidamente no estilo de vida presente. Uma pessoa pode trabalhar mais duramente para um progresso material ou aumentar suas responsabilidades; outra pode reduzir suas responsabilidades ou minimizar os esforços para ganhar mais, perseguindo objetivos mais simples. Uma pode ser mais expressiva, uma outra mais receptiva.

Que condições não obstruem, ou talvez estimulem, esta tendência atualizante? Aproximadamente meio século de tateante experiência e de pesquisa esmerada concentraram-se nesta questão.

Para respostas, os terapeutas e pesquisadores centrados na pessoa buscaram indícios cuidadosamente nas sutilezas das interações entre pessoas. Estudando a qualidade e o tom de voz, comportamento verbal, postura e gestos, os pesquisadores foram capazes de avaliar a acurada e sensível empatia do terapeuta em sua relação com o cliente. Similarmente, os pesquisadores avaliaram o calor e a incondicionalidade da consideração positiva para com o cliente e a aliança entre a experiência que se desenvolve no terapeuta e o seu comportamento manifesto. As percepções do cliente destas qualidades no terapeuta foram avaliadas por auto-relato. Descobriu-se que quando essas quatro qualidades estão presentes no terapeuta e são percebidas pelo cliente, este mais provavelmente se deslocará de “deveres”, do apreciar e satisfazer orientação dos outros, no sentido de um autodirecionamento e “complexificação”, de forma aberta e confiante na experiência, com uma maior aceitação dos outros. No início dos anos sessenta, o principal teorema da teoria da terapia (de grupo) centrada na pessoa foi formulado:

*As capacidades inerentes de cura e a tendência atualizante são liberadas numa relação interpessoal em que o terapeuta é congruente na relação, experiencia consideração positiva incondicional para com o cliente, e uma compreensão empática do referencial interno do cliente, e quando o cliente percebe, pelo menos em um nível mínimo, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática do terapeuta para com ele/ela. (ver Rogers, 1959).*

Estudos de pesquisa da terapia “um cliente — um terapeuta” confirmaram repetidamente a teoria (Rogers *et al.*, 1967; Tausch, 1978). Um estudo de nove anos de acompanhamento de clientes esquizofrênicos, relatado por Truax e Mitchell (1971), mostrou que aqueles que receberam altos níveis de empatia, consideração positiva e genuinidade em sua relação terapêutica permaneceram fora de hospitais psiquiátricos muito mais tempo do que aqueles que receberam baixos níveis. O grupo de controle teve um comportamento entre os dois grupos citados, sugerindo que pacientes cujos terapeutas podem prover apenas baixos níveis das condições atitudinais poderiam estar melhor sem terapia nenhuma (pp. 328-329). Truax e Mitchell, depois de revisarem a evidência publicada sobre a efetividade da psicoterapia, concluíram que embora, em média, o esforço terapêutico seja completamente inefetivo, terapeutas com as três características mencionadas (independente do seu treinamento ou orientação teórica) são efetivos.

Uma avenida de pesquisa que levou a resultados confusos, e sobre a qual a teoria era omissa, é sobre o "ponto de início" do cliente com relação à terapia bem-sucedida. [Kirtner e Cartwright (1958) descobriram que o sucesso em terapia está relacionado com a estrutura da personalidade dos clientes ao início da terapia. Stoler (1963) mostrou que mesmo o quanto o terapeuta "gostava" do cliente estava associado com o sucesso na terapia. Mitchell, Bozarth e Krauft (1977) mostraram em sua revisão que empatia, consideração positiva, e genuinidade estavam associadas com o resultado terapêutico de uma forma muito mais complexa do que em uma simples relação causal. Por exemplo, Moos e MacIntosh (1970) descobriram que a empatia é muito mais influenciada pelo cliente e pela situação do que pelo terapeuta. Tomlinson e Hart (1962) descobriram, como anteriormente o tinham feito estudos do processo (Walker, Rablen, & Rogers, 1960), que as pessoas que são mais bem-sucedidas quase que invariavelmente começam a terapia num "estágio" mais elevado de funcionamento psicológico do que as menos bem-sucedidas.]

Gendlin e seus colegas (1968) desenvolveram uma linha de pesquisa para ensinar a clientes que, não fosse assim, começariam a terapia de uma forma muito intelectualizada e externalizada (e provavelmente falhariam) na enfocação de seu experienciar, pouco claro conceptualmente, mas diretamente sentido. Gendlin (1978) antevê a possibilidade de tornar o sucesso terapêutico disponível para mais pessoas e também "desprofissionalizar" o processo da terapia. A enfocação não requer um profissional para sua ministração.

Esta ação ilustra o espírito da pesquisa da terapia centrada na pessoa e do esforço clínico que continua a tentar resolver dúvidas e debates pelo desenvolvimento de uma prática efetiva. Rogers (1967), falando sobre o tema de se os psicólogos seriam qualificados para a prática da psicoterapia, escreveu, e isto ainda se aplica: "Tem sido minha convicção a de que o argumento perderia toda a sua força se os psicólogos estivessem fazendo boa terapia e expandindo a área de conhecimento neste campo através da pesquisa" (p. 379).

### Pequenos Grupos

O grupo de psicoterapia centrado na pessoa (Coulson, 1970, 1972; Rogers, 1970) consistindo de 8 a 12 pessoas e um terapeuta, não é simplesmente uma versão maior do grupo de duas pessoas; deve ser entendido e estudado em seus próprios termos naturais. O grupo pequeno possui todas as capacidades para cura e autoconhe-

cimento que a situação diádica, assim como outros aspectos significantes.

Jo • Interações diretas entre terapeuta e cliente são menos frequentes, e parecem menos importantes no grupo pequeno do que na terapia diádica. Um outro membro do grupo pode mesmo ser mais facilitativo do que o terapeuta num determinado instante. Algumas vezes, uma pessoa sentada silenciosamente, não envolvida diretamente na interação, é profundamente afetada. Da mesma forma que o indivíduo cresce em consciência, trabalhando conscientemente com a sabedoria interior natural, a tendência formativa é operante também no conjunto de indivíduos. Ocasionalmente, a partir do caos surge uma inesperada sabedoria que provê soluções para problemas "insolúveis". Naturalmente, às vezes o grupo tem de suportar a frustração da não-solução. Em outras circunstâncias, sem nenhuma solução articulada, o grupo age como um corpo, com um perceptível senso de propósito e de direção.

No grupo pequeno, o terapeuta é também solicitado a abrir mão do papel profissional e da segurança, respeito, e o que mais de útil pode ser conseguido de uma posição de autoridade. O nome da terapeuta é mudado para facilitadora, refletindo a importância das interações entre os membros do grupo e permitindo uma maior genuinidade em todas as relações do grupo. Ainda que a verbalização não seja requerida, os participantes no grupo insistem em expressões honestas, sentidas (verbais ou não-verbais) de todos os membros do grupo, inclusive da facilitadora designada.

41. Para adentrar o mundo pessoal da cliente individual a terapeuta tem de renunciar a conceitos fixos sobre "o" mundo. Para apreciar e seguir o experienciar da pessoa, sem forçar mudança, a terapeuta teve de renunciar à confiança em teorias ou opiniões sobre como as coisas "deveriam" ser em favor do como as coisas realmente são para o cliente. Uma renúncia ainda mais acentuada é requerida da facilitadora do pequeno grupo. O grupo expande as explorações pessoais para os relacionamentos da vida real aqui e agora. O contexto do grupo inclui autoconhecimento, cura, e um aspecto terapêutico social — compreensão dos outros e melhora da comunicação efetiva com os outros — como benefícios potenciais. A facilitadora do pequeno grupo deve ser fluente com a ação momentânea-momento das pessoas em relação, sem recorrer a especulações e explicações sobre o processo.

A facilitadora de grupo habilidosa começa igualmente a entregar-se ao seu próprio experienciar pessoal, abrindo-se para o sentimento e descobrindo inesperados aspectos de si como parte de novas aprendizagens na relação com o grupo e com seus membros.

Com pessoas em mudança, sociedades em mudança, com o que foi uma vez possibilidade, hoje realidade, e com novas possibilidades para o desenvolvimento humano, novas formas terapêuticas continuam a emergir. Do mesmo modo, a consciência do terapeuta tem sido solicitada a crescer com o passar dos anos; com o passar do tempo vemos o efeito da tendência formativa tanto nas vidas de terapeutas quanto nas vidas dos clientes.

#### Comunidade de Aprendizagem: Grandes Grupos

12. Em 1973, uma nova forma\*, que pode vir a ser considerada uma forma maior de terapia de grupo, passou a existir: as comunidades de aprendizagem baseadas na abordagem centrada na pessoa; 100 a 250 pessoas vivendo juntas, decidindo seu próprio curso de atividades juntas. Considerando a importância desses eventos na formulação de teoria nova e uma vez que pouca referência tem sido feita com relação a este assunto (Bowen, Miller, Rogers & Wood, 1979; Bozarth, 1980; Wood, 1977), alguns aspectos importantes serão discutidos aqui.

A comunidade de aprendizagem consiste normalmente num grande grupo de pessoas orientadas para a ajuda, vivendo juntas por duas semanas para uma aprendizagem experiencial direta do eu e da sociedade. Naturalmente, cada participante tem razões pessoais para participar de um evento deste tipo. Muitos desejam "crescer", mudar seus estilos de vida, beneficiar a humanidade. Muitos vêm por "razões profissionais", para ganhar conhecimento, para tornar-se mais eficiente como profissional de ajuda, para aprender as últimas técnicas de facilitação das relações humanas. Sem dúvida, alguns buscam terapia e alguns desejam meramente umas férias ou aventura.

Apenas um programa mínimo é planejado com antecedência. A única atividade "oficial" é encontrar-se (todas as 150 pessoas, ou qualquer coisa assim) num grande encontro. Ainda que os organizadores sejam naturalmente investidos de mais poder, não existe líder como tal. Uma pessoa ou grupo de pessoas controlando torna-se intolerável para o grupo, a menos que um consenso a este respeito tenha sido atingido por toda a comunidade. Mesmo processos "democráticos", tais como votar, decidir propostas diante do grupo, são

\* Os iniciadores desta forma de comunidade de aprendizagem foram: Natalie Rogers, Carl Rogers, John K. Wood, Alan Nelson e Betty Meador. Em 1975, Nelson e Meador tomaram outros rumos e Maria Bowen, Jared Kass, Maureen Miller e Joann Justyn juntaram-se aos outros para formar um novo staff de promotores.

usualmente evitados. Cada pessoa, participante ou organizador, influencia o caráter, propósito e decisões do grupo.)

É (mesmo na Europa e América do Sul) uma filosofia muito individualista, talvez norte-americana, que guia o início do *workshop*. "Fale por si", "diga, 'eu', "defenda seus direitos", "seja seu próprio patrão", "seja (verbalmente) assertivo", são sentimentos que estão por trás de muitas das discussões iniciais. Se a individualidade por si só é venerada, reinam somente o egocentrismo e o caos. Se os indivíduos são exortados a "trabalhar como uma equipe" ou a "formar uma comunidade", somente a opressão e a imobilidade são experienciadas pelo grupo. Mas, se a individualidade é exagerada para contribuir para o funcionamento da espécie humana como uma "equipe" ou "comunidade", então uma extraordinária unidade pode realizar-se no grupo. (Surpreendentemente, freqüentemente os finais são caracterizados por este tipo de coletivismo a nível do sentimento e da ação, que ultrapassa mesmo a cultura imediata, uma interação orgânica entre indivíduos e o conjunto de indivíduos com um só corpo. Os períodos intermediários são como os da vida "normal", qualquer que seja a região do *workshop*.)

13. *Produção*  
O processo dos encontros em si é altamente complexo e freqüentemente confuso. Mesmo num grupo de pessoas sofisticadas é encontrado o desejo infantil de expressar crenças em frente de outras pessoas. As pessoas, inicialmente, falam como pessoas de fora do evento: "Vocês fazem..." ou "Este grupo...", "Vocês, não eu, estão criando esta monstruosa confusão; se pelo menos isso e isso fosse feito, então esta coisa poderia começar a funcionar." Cada afirmação encontra reações misturadas. Diferenças, e às vezes conflito, brotam entre homens e mulheres, entre "falantes" (que gostariam que mais pessoas participassem das discussões) e "não-falantes" (que gostariam que mais pessoas ficassem caladas e "sentissem a energia" do que está acontecendo agora), entre os que preferem uma maior organização das atividades e os que são favoráveis a "deixar acontecer", entre "pensadores" e "sentidores", entre aqueles que preferem encontros de grupos maiores e aqueles que sentem a necessidade de encontros em grupos menores.

14.  
É difícil, no começo, entender a essência de afirmações que muitas vezes não seguem ao que foi dito antes, ou parecem não ter conexão com o que está acontecendo no momento. Existe uma "mente coletiva" mas sem consciência. Os encontros tendem a gerar emoções ao invés de integrar sentimentos. Moralizações, expressão caótica de opiniões, emoções, idéias excitantes, a ameaça de violência tornam o raciocínio difícil e as questões freqüentemente insolúveis racionalmente. Mesmo assim, decisões amígdalas primorosas são

tomadas a despeito do (ou, talvez, como na meditação, devido) ao abandono dos processos mais racionais. Sem ninguém aparentemente orientando, é possível a multidão tornar-se um organismo consciente. Chega-se a decisões que utilizam funções intelectuais e intuitivas da mente tanto em assuntos cotidianos quanto nas emergências. Sem controle autoritário ou democrático, acordos sutis são alcançados através do escutar de cada voz que queira ser ouvida, pelo acompanhamento do "sentido" orgânico e mutante do grupo. Uma comunidade, por exemplo, rejeitou uma cuidadosa organização democrática de suas atividades em favor de seguir a sua "intuição", sem qualquer tipo de plano (Rogers, 1977, cap. 8).

Ainda que distintamente produto de pessoas urbanas, instruídas, o funcionamento positivo dessas comunidades de *workshop* pode ser rápida e dramaticamente ilustrado nos valores e práticas de uma comunidade rural simples. Joaquim Assis (1972) documentou em filme exemplos da consciência de pessoas que vivem de forma similar, mas simplesmente, e abrem-se como comunidade à tendência formativa. (Neste filme premiado, as pessoas de Salgadinho, uma pequena comunidade rural de mais ou menos cem pessoas no Nordeste do Brasil, são mostradas enfrentando suas dificuldades, trabalhando o tomando decisões juntos como um grupo. Eles vivem no que é chamado aqui de comunidade de aprendizagem.)

↓ As pessoas descrevem sua movimentação de indivíduos para uma coletividade da seguinte forma: "Nós éramos acostumados a fugir uns dos outros. Houve tempo em que éramos como 'bicho-domato'. Nós fugíamos uns dos outros. (...) Como se diz, a [seca foi uma] crise [que] nos fez entender o valor um do outro; ela nos uniu. Agora sabemos que não estamos mais sozinhos (...) que não é mais um trabalhando sozinho, mas muitos juntos."

15. Sem ajuda de profissionais eles descobrem que a ajuda brota do envolvimento de pessoas com pessoas. "Cada um que sente o seu problema vem e diz aos outros: 'Eu me sinto assim: (...)'

"As vezes a gente sabe que tem alguém em casa e triste. Oito ou dez de nós vai visitar ele ou ela (...)" "Dividimos nossos sentimentos, nossa comida (...)" "Algumas vezes, trazemos ele pra nossa casa (...)" "Qualquer coisa pra ajudar ele a superar o problema dele, a tristeza dele."

"Quando temos um problema e nos encontramos e todo mundo toma conhecimento dele, mesmo que nós não possamos resolver ele, a gente se sente aliviado."

Seguem o seu experienciar interior como um guia confiável para atividades individuais e comunitárias. "Porque o que a natureza da gente não diz à gente pra fazer, a gente não faz. Você vai pruma

viagem. Se seu coração diz pra ir, você vai. E se seu coração diz pra não ir, você não vai."

O valor e dignidade de cada pessoa são respeitados. Ela toma as decisões, escolhe a vida para si. As pessoas são de um valor inestimável e são essencialmente iguais. "Pra mim o valor do homem é que ele é uma *peessoa*. O resto vem depois. . . De fato, cada cabeça é um mundo. . . você traz o seu mundo pra mim. . . eu dou um outro mundo pra você."

[E ainda assim, paradoxalmente, exagerando esta individualidade, o aparente isolamento da consciência se torna unificado, liberando uma sabedoria criativa no meio deles.]

"Quando a gente tem alguma coisa pra decidir, as pessoas se juntam num grupo. Todo mundo vem. Então a gente se encontra e diz o que é. Conversamos sobre o assunto. Bem assim (...) o grupo todo junto. Um diz: 'o caminho é esse'. Um outro diz: 'é desse jeito.' Um outro fica quieto e ouvindo e depois diz: 'não, eu não acho que isso vai funcionar. Esse é o jeito da gente fazer a coisa.' Trocamos idéias. Discutimos até chegar a um acordo. Ninguém governa, todo mundo governa junto. Cada um que sente um problema fala e diz pros outros, 'eu me sinto assim.'

"Uma pessoa sozinha não é nada. . . Quando dois estão juntos você tem uma *unidade*."

No conteúdo verbal e estilo, a comunidade de aprendizagem centrada na pessoa permanece num contraste total com relação à linguagem e modos mais simples desse grupo de camponeses. Mas nas suas aprendizagens mais essenciais e nos seus mais criativos momentos é muito similar.

O grande grupo, naturalmente, nem sempre se comporta de formas ideais e sábias. Algumas vezes não é mais do que uma massa comum e fica longe do arrebatamento místico ou de suas extraordinárias habilidades potenciais\*.

16. A cultura da comunidade de aprendizagem é criada por aqueles que compõem o evento, pela mistura de seus condicionamentos e imaginações e limitada pelo conjunto. Grupos grandes são mais próximos da "vida real" do que o grupo de duas pessoas ou do que o

\* O leitor, sem dúvida, está familiarizado com universidades, organizações ou famílias "centradas na pessoa" ou "humanísticas" que falham em integrar-se como um organismo único (ainda que as tendências formativas possam potencializar os indivíduos). Desde que a aprendizagem com os fracassos não tem sido convincente o bastante para abandonar a pesquisa de qualidades comunitárias que incrementem o crescimento humano, a maior parte do que é apresentado aqui são resultados positivos do complexo processo de comunidade.

grupo pequeno. A gama completa das expressões humanas está presente: ganância, egoísmo, exploração, agressividade estão lado a lado com cooperação, interdependência, cura, amor. Embora, como todo mundo sabe, a loucura esteja à espreita nas massas, subsiste também no grande grupo uma delicada sabedoria que serve como guia da confusão para a cura. E esta cultura tem também os meios para ultrapassar seus próprios valores e limitações. Pelo compartilhar de tópicos vivamente revelados à consciência, os membros da comunidade criam valores novos e insuspeitos.]

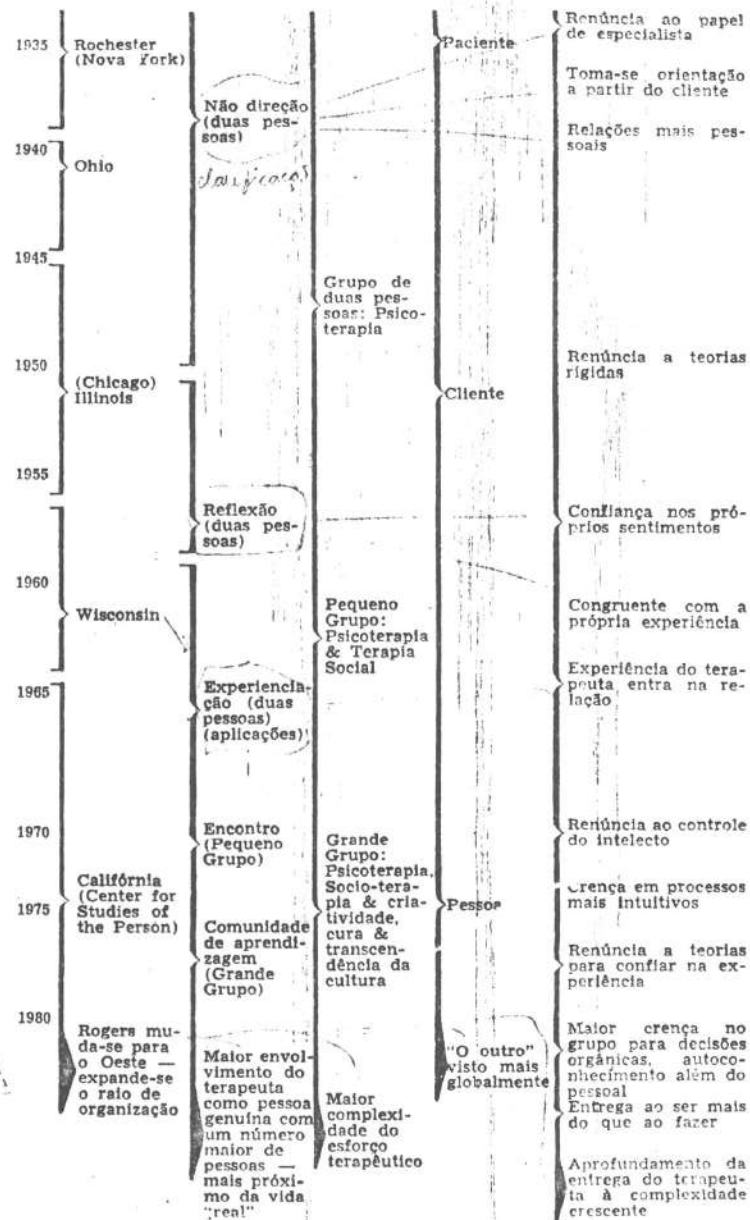
Desde que o modo de pertencer ao grande grupo não é falando mas sendo, as consciências<sup>1</sup> das várias pessoas são articuladas por relativamente poucas. Impressões são freqüentemente compartilhadas em fantasia, poesia, canção, ou escultura, até mesmo em sonhos que são relatados sem interpretação. Uma mulher compartilha uma "visão", um nítido quadro de uma floresta que ela vê em sua mente, enquanto um outro membro do grupo chora suavemente. Através das lágrimas que lhe inundam o rosto, a outra fala de sua casa, de sua querida terra cheia de florestas, que ela perdera recentemente, e da tristeza profunda que a perda agora lhe trazia. O organizador deste tipo de eventos deve abrir mão da dependência de conversas controláveis, de informação falada e começar a acreditar em faculdades intuitivas, "sentir" o grupo, digerir o significado de expressões mais globais. O organizador é chamado também a abrir mão da certeza da lógica racional, teorias, princípios de processo de grupo, e mesmo de experiências prévias de trabalhar em grupos.]

A orientação confiável nessas comunidades vem não de uma, ou mesmo de um subgrupo de pessoas com respostas, mas de toda a comunidade de pessoas com perguntas. Uma sabedoria está de alguma forma escondida no seu ato de busca. Ao processo de cura e autoconhecimento do grupo de duas pessoas, ao processo de compreensão dos outros e comunicação efetiva do pequeno grupo, o grande grupo acrescenta um orgânico processo de tomada coletiva de decisão e uma maior possibilidade de crescimento pessoal que se estende além dos sentidos.]

O gráfico ilustra algumas das direções do desenvolvimento do grupo centrado na pessoa. Pode ser visto que cada nível de trabalho de grupo requer mais da terapeuta — facilitadora — organizadora. O padrão de consciência em desenvolvimento no organizador parece ser o do aprofundamento da renúncia a papéis... mesmo de "ajuda"... a conceitos fixos sobre o mundo, à confiança apenas no pensamento racional, ao conhecimento oriundo de expe-

1. *Awarenesses*, no original (N. T.).

## TENDÊNCIAS EM MEIO SÉCULO DA TERAPIA CENTRADA NA PESSOA





riências prévias, à confiança em informação falada, para confiar mais nas tendências criativas da vida, confiar mais completamente no organismo como um todo — razão, intuição, sentimentos, corpo — como uma fonte de orientação. O padrão histórico de consciência reflete um “deixar acontecer” de possibilidade para abrir caminho à emergência de “impossibilidades”. A crescente complexidade desta abordagem à terapia de grupo requer, do promotor, uma maior abertura para viver na emergência a surpresa do momento, acordando e sendo modificado por este viver.

### Uma Colocação Teórica Atual

A acumulação de experiências clínicas em pequenos e grandes grupos e descobertas da pesquisa da terapia “um-para-um” sugerem a necessidade de uma formulação teórica generalizada. Através de seu desenvolvimento, desde o início, a terapia de grupo centrada na pessoa tem sido uma disposição (sem negar as forças destrutivas da vida) para crer e seguir eventos formativos nos outros, em si, e em grupos de pessoas. A tendência formativa pode ser vista movendo para adiante o experienciar de um cliente na presença de uma outra pessoa que é percebida como empática, genuína e cálida. Pode ser vista no processo do pequeno grupo, onde a tendência formativa aguçada e obscurece contornos de individualidade e reorganiza o conjunto em uma nova ordem de complexidade. Pode ser vista no grupo maior, ou comunidade, em que decisões orgânicas ultrapassam as habilidades racionais do grupo, transformando loucura em saúde, e mesmo ultrapassando a organização da própria cultura. Em cada uma dessas formas vemos uma tendência operando internamente no sentido de acordar a pessoa para uma consciência de sua própria evolução. Sobrevivendo às formas de terapia em modificação através dos anos, permanece na “terapeuta” centrada na pessoa uma constância interior: o desejo de estar engajada (de uma forma facilitativa) na luta do “cliente” por libertação e a disposição de ser mudada por seu próprio experienciar na relação com o “cliente”.

Uma colocação teórica atual, que leve em consideração anos de observação clínica e de pesquisa nos grupos de duas pessoas, pequenos grupos e grandes grupos pode agora ser formulada.

19. O fundamento da teoria da terapia de grupo centrada na pessoa é a tendência formativa do universo (ver definições). O teorema fundamental desta teoria pode ser estabelecido:

20. Quando pessoas (algumas chamadas, às vezes, terapeuta, facilitador, organizadora, e algumas chamadas cliente, membro do grupo, participante) trazem uma certa disposição para o seu encontro, a ten-

dência formativa é permitido reorganizar capacidades e percepções mais complexas nos indivíduos e no conjunto.

21. Esta disposição na pessoa chamada terapeuta é caracterizada pela habilidade para traduzir facilmente sentimentos em idéias e ações em sentimentos, para ser congruente no relacionamento com os outros, para experienciar consideração positiva incondicional para com os outros e para experienciar uma compreensão empática do referencial interno dos outros e segui-lo intuitivamente sem um “entendimento” obrigatório. Caracteriza-se a seguir pela capacidade para viver no momento, na incerteza e mesmo na dúvida, para seguir intuitivamente as expressões do “organismo coletivo”, ser capaz de, com cada expressão, seguir, guiar, permanecer ainda em cooperação com a criatividade dos ditames misteriosos do momento. Esta disposição é também caracterizada pela espontaneidade em acreditar na tendência formativa, à medida que ela organiza o experienciar da outra pessoa. E existe nesta disposição uma abertura para ser guiado e modificado pelo próprio experienciar interno como terapeuta na(s) relação(ões).

22. Na pessoa chamada cliente, esta disposição inclui a espontaneidade em ser modificado por sua experiência direta e para desenvolver a habilidade para focar seu mundo interior e o mundo interior dos outros. Desta forma, esta pessoa permite a operação da tendência atualizante e percebe a consideração positiva incondicional e compreensão empática do outro por si.

Capacidades e percepções mais completas incluem uma crescente consciência orgânica e uma aumentada receptividade à realidade orgânica total e redução da incongruência entre o eu e a experiência — transformando-se numa pessoa completa, como indivíduo e como membro da espécie humana. Essas capacidades podem incluir também autocura, habilidades “parapsíquicas”, e “espiritualidade”; assim como conhecimento “prático”, através do qual a vida humana individual e coletiva pode ser beneficiada.

### Seleção dos Membros do Grupo

23. Não existem regras para a seleção dos membros do grupo para um grupo centrado na pessoa. Encontros promovidos por certos segmentos, tais como grupos de mulheres ou de homens, ou para temas específicos, evidentemente selecionam seus membros de acordo com seus princípios.

Falando em termos gerais, a disposição da pessoa e a sua escolha são os fatores primários para sua participação no grupo. A congruência entre os objetivos da pessoa em participar e o que o

promotor acredita poder ser alcançado com a participação no grupo, é estabelecida pelo encontro de expectativas de participante e promotor. Juntos eles decidem. A pessoa com expectativas realistas que acredita que pode beneficiar-se da experiência do grupo e que será capaz de contribuir para com o processo do grupo é geralmente aceita. Na terapia em desenvolvimento, os membros do grupo são usualmente consultados antes da admissão de um novo membro.

O La Jolla Program (Coulson, Land & Meador, 1977) provê experiências práticas para treinandos, em que o público é convidado para grupos de encontro de fim de semana facilitados por estes treinandos. Mais de 5.000 pessoas participaram dos programas de treinamento e milhares mais das experiências de fim de semana. Depois de quatorze anos de existência do programa, nenhum incidente ocorreu que viesse a persuadir os diretores a serem seletivos na aceitação de membros para grupos.

### Composição do Grupo

94. Sem dúvida que as atitudes e habilidades do facilitador, as atitudes e capacidades de aprendizagem dos membros do grupo, condições do ambiente, composição de pessoas, e a interação gerada, tudo, influencia o resultado, para bem ou mal, da terapia de grupo. Não é sabido, no momento, qual deve ser a composição de grupo para resultados ótimos. Provavelmente, exatamente como uma boa sopa contém surpreendentes e (quando tomados sozinhos) irritantes ingredientes, a melhor composição para os benefícios da experiência seguiria um "sabor", em vez de seguir a lógica.

25. É costumeiro para promotores de grupo tentar, se possível, um equilíbrio entre homem e mulher, velho e novo, na composição dos grupos. Nos grandes programas residenciais, os vários pequenos grupos são igualmente equilibrados geograficamente. Naturalmente que, se certas pessoas, tais como casais, querem estar juntos ou separados, seus desejos são respeitados. Em apoio a essa composição diversificada de grupos, Bruce Meador (1980), um dos diretores do La Jolla Program, diz: "Não nos sentimos como um deus, compondo grupos tanto quanto possível como eles existem naturalmente no mundo." Pensa-se também que ter membros cujas experiências pessoais sejam muito diferentes incrementa as possibilidades do grupo na liberação da tendência formativa e enriquecimento da aprendizagem de cada pessoa.

### Tamanho do Grupo

26. O tamanho costumeiro do pequeno grupo intensivo centrado na pessoa é entre oito e doze pessoas.

Nos anos recentes, tem havido uma tendência definida no sentido do desenvolvimento de uma forma maior de grupo centrado na pessoa. O La Jolla Program realiza encontros diários consistindo de cinquenta a cento e cinquenta participantes, no seu programa de treinamento de facilitadores. Esses grandes eventos de grupo, com cerca de uma hora de duração, têm muitas das qualidades do encontro do pequeno grupo.

27. Comunidades de aprendizagem, consistindo de cem a duzentas e cinquenta pessoas, têm sido promovidas em muitas partes do mundo. Esses encontros governam-se a si próprios do início ao fim através de processos centrados no grupo. Frequentemente, encontros de pequenos grupos e grupos de duas pessoas são empregados juntamente com outras atividades.

Na América do Sul, o autor e colegas do Center for Studies of the Person (Bowen *et al.*, 1979) promoveram grupos de quinhentas a oitocentas pessoas para sessões de dois dias com muitos dos aspectos benéficos dos pequenos grupos e dos eventos comunitários maiores. Independente do tamanho original do grupo (15, 150, 800), existe usualmente alguma discussão em torno de "dividir-se em grupos menores."

Pensou-se a partir do trabalho em terapia diádica que cada pessoa precisava individualmente de tempo para auto-exploração; portanto, a relação de tempo total para os encontros de grupo e de tempo individual ditava o tamanho do grupo. Tal fórmula não mais é seguida. Nos grupos maiores, por exemplo, ainda que relativamente poucas pessoas sejam capazes de falar, efeitos benéficos podem, e muitas vezes acontece, atingir da mesma forma a aqueles que estão silenciosos. O tamanho do grupo parece não ser tão importante quanto a qualidade do ambiente terapêutico estabelecido no grupo.

### Ambiente para o Grupo

Grupos têm sido promovidos numa antiga e descuidada sede de uma plantação de café no Brasil, num hotel de veraneio nas Filipinas, num marmóreo monastério fora de Roma, pátios e blocos residenciais de universidades, estúdios de televisão e incontáveis outros ambientes.

28. Sem dúvida, existem qualidades físicas no ambiente que favorecem a cura, mas que no momento não são conhecidas. Geralmente os encontros de grupo centrados na pessoa ocorrem em uma sala acarpetada, arejada, com espaço suficiente para movimento, um ambiente confortável e calmo onde haja poucas interrupções. Todos os esforços são feitos no sentido de criar um ambiente em que, tanto física quanto psicologicamente, o "crescimento natural" da pessoa não seja impedido.

## Frequência, Periodicidade e Duração das Sessões de Grupo

28. Grupos em andamento encontram-se normalmente por três ou quatro horas semanais, por um período de duração não especificada. Os participantes entram e saem do grupo à vontade. Em grupos com uma duração especificada, todos os participantes começam juntos e assim permanecem durante o grupo. No grupo de fim de semana, os encontros ocorrem usualmente de sexta à noite até domingo à tarde, com tempo para as refeições e para dormir. Esses grupos têm encontros por um mínimo de dezesseis horas. As comunidades de aprendizagem encontram-se normalmente por um período de dez dias à duas semanas. Em qualquer dos casos, os membros do grupo influenciam a frequência, periodicidade e duração das sessões de grupo.

## Material Empregado

Não existem materiais especificados nem proibidos nos grupos centrados na pessoa. Tradicionalmente, terapeutas centrados na pessoa preferem a interação verbal e não usam materiais em seus grupos. Naturalmente, gravações, filmes e vídeo-teipes têm sido feitos sobre a terapia centrada na pessoa para fins de pesquisa e educacionais (McGaw, 1968, 1971; McGaw & Rice, 1973).

Nisto, como em tudo que acontece no grupo, a decisão é dos promotores e dos membros do grupo; alguns têm usado vídeo, arte, dança, escritos criativos, e vários exercícios não-verbais, entre outros meios a seu critério. Nas comunidades de aprendizagem, desde que pessoas com uma ampla gama de interesses e habilidades encontram-se juntas, é provável que todos esses meios sejam empregados espontaneamente.

## O Papel da Terapeuta

29. *A perfeita... não interfere na vida dos seres, não se impõe a eles, mas ajuda a todos os seres no sentido de sua liberdade. Através da unidade dela são eles também conduzidos à unidade, suas naturezas e destinos são liberados, o Tao é liberado neles...*

*É como se ela ouvisse e tal ouvir nos envolvesse em um silêncio em que começamos por fim a ouvir ao que nos é dado ser.*

Lao Tse (traduzido de Buber, 1957)

Que cada participante seja provido de uma oportunidade para viver conscientemente em harmonia com a sabedoria e propósitos da

tendência formativa, à medida que ela cria a espécie humana, é o objetivo da terapia de grupo centrada na pessoa. A abordagem centrada na pessoa confia na potência das forças naturais da vida e esforça-se por estabelecer um clima de grupo que não interfira com seu propósito.

30. O papel da facilitadora (ou terapeuta) é ser facilitadora na criação deste clima. Atmosfera ideal é aquela em que ela e cada outra participante pode entrar em um processo criativo, vivendo a sua própria totalidade complexa, quer esteja em contato direto com a facilitadora, com um outro membro ou, mesmo, em silêncio.

31. Os participantes são solicitados a trazer para o encontro de pessoas no grupo uma disposição e expectativas razoáveis. De sua parte a facilitadora é solicitada a trazer, antes de tudo, uma atenção para com cada outra pessoa, para consigo e para com o grupo como entidade ou processo singular. Esta atenção inclui a sensibilidade com relação a quem pode ser a pessoa mais facilitativa em qualquer momento no grupo. A facilitadora ouve cada pessoa tão sensitiva, cuidadosa e acuradamente quando possível e aos sentimentos nos limites da consciência da pessoa. Ouve de forma a compreender o significado e sentimentos despertados pelas expressões da pessoa (verbal e não verbalmente) no grupo e internamente. A facilitadora acompanha a pessoa, buscando meticulosamente através de complicações (na pessoa e no grupo), mantendo a comunicação na linha de significância que ela tem para a pessoa. O objetivo deste ouvir não é apenas o de "entrar em contato com sentimentos", o objetivo é seguir a descoberta da pessoa do rico labirinto do experienciar do momento e facilitar a expressão de um grande e difuso "é isso aí" interno, num significado presente.

→ "Faça qualquer coisa que você quiser", recomenda Gendlin (1974) a facilitadoras, "contanto que você esteja em contato, durante todo tempo, com o dado experiencial concreto diretamente sentido pela pessoa — e ajude a pessoa a também estar em contato com ele e a penetrar nele. (Se se adota isto por linha básica qualquer idéia ou outro procedimento pode ser tentado, e retorna-se rapidamente à descoberta, ao ouvir e ser sensível ao ponto em que a pessoa ficou.)" (p. 220)

Ainda que, pelo direcionamento da atenção para o eu interior, uma pessoa possa se tornar mais auto centrada, não é propósito da terapia de grupo provocar um egocentrismo. O clima do grupo tenta permitir à participante focar-se internamente, não para exclusão de sua vida efetiva no mundo, mas unicamente para que contacte e se harmonize com a tendência formativa.

32. A facilitadora é solicitada a trazer ao encontro, não uma obrigação, mas um querer viver em um ambiente criativo que o grupo

pode construir (às vezes de formas em que ela não seria capaz de prever ou mesmo entender). Ainda que não cegamente aceitante, ela é solicitada a confiar no grupo e a estar querendo "viver" a teoria, fazendo o que é implicitamente solicitado dos outros participantes.

33. A facilitadora, cooperando com as forças internas de sua própria atualização, ouve-se internamente com a mesma sensibilidade e atenção que dedica aos outros. Do ponto de vista da facilitadora, a atenção que ela dedica a si própria, a outra pessoa no grupo, ou ao "estado de espírito" ou "clima" do grupo é mais do que uma a-tensão, do que uma dissolução da tensão, do papel, da análise ou capacidades avaliativas em favor de um acompanhamento intuitivo de seu mundo interior, do mundo interior do outro e da orgânica sabedoria do grupo. A disposição do facilitador para ser modificada pela experiência caracteriza e talvez distinga esta abordagem das outras abordagens à terapia de grupo.

34. A facilitadora confia em seu organismo total: corpo, sensações, emoções, raciocínio e faculdades intuitivas, para viver no momento, para ser guiada por novos princípios desenvolvidos a partir da consciência aumentada. Os outros membros do grupo virão a saber quem a facilitadora do grupo genuinamente é e o que ela está sentindo. Elas sabem que a facilitadora responderá ao momento, não a partir de técnicas aprendidas, mesmo que isto implique em dizer ou fazer algo arriscado, impopular ou mesmo "deterapêutico". Não obstante, ela não impedirá o processo com problemas pessoais. O caráter do grupo será influenciado pela pessoa da facilitadora tanto quanto pela individualidade dos membros do grupo, na medida em que ela se sinta confortável tanto quanto os outros.)

35. Finalmente, a facilitadora é solicitada a trazer uma atitude de cuidado não avaliativo para com os membros do grupo. Esta atitude cresce a partir da confiança na capacidade do indivíduo para conhecer-se e encontrar o ritmo e a direção da mudança pessoal. Este tipo de aceitação aplica-se da mesma forma ao grupo e à habilidade que tem um conjunto de pessoas para mobilizar uma capacidade de cura. Desta confiança, Rogers diz:

Eu confio no grupo, dado um razoável clima de facilitação, para desenvolver seu próprio potencial e o potencial de seus membros. Para mim, esta capacidade é uma coisa admirável. (...) Isto é, sem dúvida, similar à confiança que eu vim a ter no indivíduo no processo da terapia, quando este era facilitado, ao invés de dirigido. Para mim o grupo parece um organismo, tendo um senso de sua própria direção, ainda que não possa defini-la intelectualmente. (...) Tenho visto a "sabedoria do organismo" exibida em todos os níveis, da célula ao grupo. (p. 44).

36. Cada grupo — o conjunto de indivíduos únicos, num momento particular, num ambiente particular — é abordado pela facilitadora em seus termos próprios. Não sufocando cada uma com uma aproximação exclusiva ela se esforça por entender e (dentro dos limites das condições existentes) operar dentro do grupo nos termos deste. A facilitadora interage com cada outro membro do grupo de um modo autêntico e mantém o todo na consciência, prestando atenção à "música" global do grupo.

LA melhor facilitadora não é, necessariamente, aquela com maior treinamento ou a que tem mais credenciais. Num projeto de grupo de encontro (Bebout, 1976), por exemplo, de cinco terapeutas treinados profissionalmente, quatro não foram aceitáveis como líderes de grupo. As melhores facilitadoras de grupos são aquelas que melhor facilitam.]

37. [A facilitadora não está tentando ser o melhor ou mesmo, estritamente falando, tentando ser empática, ou genuína, ou não pessoalmente calorosa. Ela simplesmente traz estas capacidades para o encontro. A pessoa designada não decide por antecipação dirigir a pessoa ou o grupo de um modo particular que não seja a criatividade da vida. A facilitadora, igualmente, não decide por antecipação ser não-diretiva, ou não-estruturada se isto não decorre da criatividade do momento. A facilitadora renuncia à impaciência e às respostas fáceis em função de um criativo estado de espera — alerta para seguir ou guiar. Deseja viver não atrelada a uma forma particular de resultado, para ser surpreendida pela criação única de cada grupo de pessoas. Como Shakespeare em Keats (1899) ela possui uma "capacidade negativa (...) capaz de estar nas incertezas, mistérios, dúvidas, sem nenhum irritável esforço por obter fatos e entendimento". (p. 277)

38. O sucesso não é caracterizado por quão bem a facilitadora se salienta na apresentação das atitudes fundamentais, mas por quão bem a criativa sabedoria grupal provedora de crescimento é liberada e por quão bem os benefícios do crescimento são propiciados a seus membros. Se o grupo pode criar um clima facilitativo, a tendência formativa fará o resto. Os membros do grupo se moverão do afastamento e inconsciência dos sentimentos para um reconhecimento e expressão de sentimentos na medida em que eles mudam e fluem dentro de si; do distanciamento do experienciar interno no sentido da confiança e do uso da experiência interna como um referencial para o comportamento; do dogmatismo para a flexibilidade dos construtos; da descoberta de causas dos problemas "lá fora" para reconhecer-se como parte na criação dos problemas; de relações temerosas, hesitantes, fechadas com os outros, para relações m

abertas, expressivas, pessoais; do isolamento para a identificação no sentimento, na cooperação e criativa solução de problemas.

### Regras Básicas Para o Grupo

Não existem regras básicas estabelecidas para os grupos centrados na pessoa. Quando pessoas se reúnem trazendo uma disposição para o crescimento, elas formulam juntas as regras para seus próprios encontros. Cada grupo é único e os acordos explícitos ou implícitos variam largamente. Falando em termos gerais, os grupos usualmente proíbem violência física, adotam políticas com relação aos horários das reuniões, admissão de novos membros e um procedimento para terminar o grupo. Os membros do grupo usualmente sentem que devem uns aos outros uma explanação para qualquer comportamento fora das reuniões que afete ao grupo. Ainda que atingidas por consideração exaustiva dos sentimentos e opiniões de cada um, essas políticas mudam freqüentemente.

Muitas vezes o grupo insistirá que cada membro participe do início ao fim de cada reunião do grupo. Essa regra varia amplamente, dependendo da cultura. No Brasil, por exemplo, não é incomum uma pessoa juntar-se ao grupo no meio de uma sessão, envolver-se intensamente, e sair antes da conclusão da reunião. Em muitas partes da América do Norte, por outro lado, este comportamento não seria tolerado pelo grupo.

Naturalmente, as normas estabelecidas por eventos de pouca estrutura podem tornar-se um conjunto de regras básicas para uma pessoa não informada. Expressão de sentimentos, ser "real", intimidade, não aceitar autoridade fora de si são exemplos de comportamentos que podem se tornar "regras" seguidas pelo grupo. Esses acordos implícitos variam não apenas de acordo com a cultura, mas mudam com o tempo dentro de uma cultura, sendo modificados de geração para geração e de acordo com movimentos sociais do momento e a quantidade de experiência que os membros possuem em processos de grupo.

### Pesquisa / *para a manutenção*

Talvez nenhum outro modo de psicoterapia tem sido tão esmeradamente investigado por métodos empíricos quanto a terapia centrada na pessoa. Durante os seus primeiros trinta anos de desenvolvimento ela empenhou-se em testar hipóteses através de pesquisa apropriada. O leitor interessado pode recorrer a Seeman e Raskin (1953) para um sumário dos primeiros estudos, Cartwright (1957)

para uma análise de cem estudos de todos os aspectos da terapia centrada na pessoa e à seção de Fundamentos Teóricos deste capítulo para obter um suporte de pesquisa da terapia diádica.

A terapia centrada na pessoa não tem tido tanto interesse na pesquisa da terapia em pequenos e grandes grupos quanto tem tido no estudo do grupo de duas pessoas. Entretanto, existem dados de estudos da terapia de pequeno grupo que oferecem apoio a sua teoria.

1 Tausch (1978), relatando quatro anos de projetos de pesquisa com escolas, famílias, psicoterapia individual e de grupo, conclui que "os grupos de encontro centrados na pessoa, com facilitadores que demonstrem uma real compreensão empática, genuinidade e tratem os participantes com um caloroso respeito, são ambientes facilitativos para o crescimento positivo de clientes neuroticamente perturbados". (p. 7)

2 Num estudo anterior com pacientes hospitalizados com distúrbios mentais, Truax, Carkhuff, e Kodman (1965) demonstraram que participantes em terapia de grupo recebedores de níveis relativamente altos de empatia acurada e consideração positiva incondicional mostraram uma melhora maior do que pacientes recebedores de níveis relativamente mais baixos. Uma descoberta surpreendente (sublinhando que os grupos não são meramente versões maiores das diádes) em contraste com o trabalho anterior, foi a de que relações negativas foram obtidas entre o nível da genuinidade do terapeuta e a mudança no paciente. Os autores especulam que talvez a "manutenção de um 'papel profissional' é mais útil nas relações menos íntimas da psicoterapia de grupo". É mais provável que o abandono de "papéis profissionais" no contexto de um rígido ambiente hospitalar possa resultar na negação de quem uma pessoa realmente é.

3 A terapeuta que quer ser bem-sucedida e decide: "Preciso compartilhar alguma coisa de minha própria vida, isto mostrará que sou genuína e ajudará os membros do grupo a serem mais pessoais", está, indubitavelmente, sendo inautêntica. A importância da resposta apropriada da facilitadora é sublinhada por Dies (1973) cuja pesquisa sugere que o partilhar prematuro de material pessoal por parte da facilitadora do grupo pode produzir rupturas, ao passo que revelações oportunas (compartilhar o que é "real") podem ser construtivas.

4 Há evidências sugerindo que a genuinidade que o facilitador evidencia ao grupo como um todo tende a ter mais impacto nos resultados para um dado participante do que o nível de genuinidade que o indivíduo recebe da facilitadora (Truax, 1966; Truax et al., 1965).

5 Culbert (1968) demonstrou que um "grupo mais auto-revelador" cujas facilitadoras são avaliadas como mais "genuínas, mais envolvidas, e mais pessoais" desenvolvia mais "relações terapêuticas mutuamente percebidas entre seus membros do que um grupo em que

as facilitadoras são auto-reveladoras em um nível mais baixo".

6. Lieberman, Yalom e Miles (1973) descobriram que: "a mudança não gira em torno do sol solitário do líder; é forte a evidência de que as relações psicossociais no grupo desempenham um papel sumamente importante no processo de mudança" (p. 428). Este estudo também descobriu que os "valores que as participantes traziam para os grupos de encontro eram poderosos elementos de predição do nível dos resultados — na verdade o mais poderoso" (p. 319). A seguir, escrevem os autores, "a expressão de raiva, fúria, a experiência de emoções profundas, o recebimento de *feed-backs*, auto-revelação para si e de si, parecem não diferenciar marcadamente aqueles que aprenderam daqueles que permaneceram não modificados. Foi somente quando eventos cognitivos modificaram essas experiências que diferenças estatisticamente significativas foram obtidas entre aqueles que se modificaram e os que permaneceram não modificados" (p. 375). Esses estudos provêem apoio à abordagem centrada na pessoa que favorece a criação de um clima facilitativo para o experienciar pessoal. A pesquisa lança luz na disposição que facilitadora e clientes devem trazer para a criação deste ambiente.

Estudos de grupos centrados na pessoa têm sido, desafortunadamente, dificultados pelo lento desenvolvimento de métodos apropriados para pesquisar os grupos em seus termos naturais. Betty Meador (1971), em uma abordagem nova, estudou o processo de mudança no contexto grupal. Avaliando segmentos aleatórios de um filme de um grupo de 16 horas, ela distribuiu o movimento dos indivíduos num grupo ao longo dos sete estágios da escala do processo. Os estágios são: sentimentos e significados pessoais, modo de experienciar, grau de incongruência, comunicação do eu, modo como a experiência é construída, relação com problemas, e modo de relação. Cada uma das oito pessoas do grupo deslocou-se no sentido de uma maior intimidade com seu experienciar interior, tornou-se mais capaz de expressar congruentemente o que estava sentindo e tornou-se mais real em suas relações. Meador demonstrou que a participação em um grupo intensivo de fim de semana pode trazer mudanças significativas para os membros do grupo.

Rogers (1970), tentando uma investigação fenomenológica pessoal, estudou as reações auto-relatadas de quinhentas pessoas que tinham participado de pequenos grupos intensivos que ele e seus colegas tinham facilitado. Os questionários foram enviados de três a seis meses após a participação no grupo. Com 82% de respostas, duas pessoas sentiram que a experiência foi na sua maior parte prejudicial e tinha alterado seu comportamento de formas que elas não aprovavam. Um número moderado não reportou nenhum efeito e um número moderado reportou uma mudança inicial que tinha desaparecido. "A grande maioria", coloca Rogers, "sentiu que tinham

sido construtivos os resultados, ou tinha sido uma experiência positiva profundamente significativa, que fez uma contínua diferença positiva em seu comportamento". (p. 126)

9. Uma controvérsia continua sobre os benefícios e perigo potencial da participação em grupo. Gibb (1971), depois de analisar 106 estudos relacionados com grupos de encontro, conclui: "A evidência é forte de que as experiências de treinamento em grupo intensivo têm efeito terapêutico (...). A evidência de pesquisa indica claramente que não há base para que se faça nenhuma restrição à participação em grupo (...). Existe pouco fundamento para a inquietação entre grupos leigos com relação aos efeitos traumáticos do treinamento em grupo". Batchelder e Hardy (1968) apóiam, no seu importante relatório, a conclusão de Gibb.

10. Lieberman *et al.* (1973) tiveram uma alarmante taxa de resultados negativos no seu estudo dos grupos de encontro num ambiente universitário. A despeito de crítica convincente (Rowan, 1975; Schutz, 1975), esse estudo permanece como um dos mais extensivos e influentes sobre pequenos grupos. Sucintamente, de 206 estudantes participantes do estudo 16 foram considerados pelos pesquisadores como tendo sido "prejudicados". Eles atribuíram os resultados desfavoráveis, na maioria dos exemplos, a expectativas não realistas e aos problemas psicológicos que os participantes trouxeram para o grupo unidos a comportamento rejeitador, agressivo e intrusivo das líderes do grupo e a um ambiente que não oferecia apoio (pp. 177-193). As qualidades da líder indicadas como contribuidoras para os "prejudicados" claramente não representam aquelas de uma facilitadora de grupo centrada na pessoa (ainda que ela use tal nome) nem as condições que uma facilitadora tenta ajudar a serem criadas no grupo.

11. Também num contexto universitário, Bebout e Gordon (1972) estudaram mais de mil participantes de grupos de encontro e suas 100 líderes não-profissionais como parte de uma investigação de quatro anos. As teorias de Rogers e Gibb foram enfatizadas como fundamentos dos grupos. Os achados sugerem que os grupos que geram mais mudança positiva são grupos em que os membros são ativos e auto-introduzidos e em que as líderes são úteis, mas não excessivamente intrusivas. "O efeito positivo mínimo pode ser esperado de grupos e líderes que são mutuamente inativos e insensíveis." Referindo-se à maior parte da amostra, os pesquisadores colocaram: "Descobrimos mudanças positivas significativas em membros do grupo em quase todos os lugares onde olhamos. A auto-estima aumenta, o autoconceito muda em muitas direções positivas, tendências auto-atualizantes são maiores (...)" (p. 117). "Nos primeiros 28 meses do projeto houve quatro pessoas que tiveram "sérias reações". Neste

estudo pessoas que entraram no programa positivamente motivadas e com expectativas apropriadas" tiveram o maior proveito.

Os dois grupos conduzidos por gravação no estudo de Lieberman *et al.* (1973), não produziram pessoas prejudicadas. Ainda que as pessoas tivessem gostado mais dos grupos com líderes, um desses grupos produziu uma das mais altas taxas de mudanças positivas. Lieberman (1975) acredita que isto se deve ao fato de que "grupos não profissionais, como os grupos conduzidos por gravação, são menos centrados no líder e mais centrados no grupo. O grupo como uma unidade pode construir seus próprios limites — seu próprio nível de interatividade tolerável." (p. 54)

A teoria e a prática da abordagem centrada na pessoa aplicada à terapia de grupo apóiam-se em pesquisa recente. A pesquisa relativa à tendência formativa, numa perspectiva mais ampla do que simplesmente a do contexto da terapia, é extremamente necessária. Estudos das composições de grupo que favorecem a liberação da tendência formativa e pesquisa adicional sobre a disposição do terapeuta e clientes são também necessários. É necessária pesquisa para que se entenda a natureza do grande grupo, para que se entenda o papel desempenhado pela aventura e novidade da experiência, ambientes românticos e outros fatores de "fundo" nos resultados, para separar cuidadosamente a sabedoria da tolice e para se entender a gama de benefícios possíveis desta modalidade.

#### Limitações da Terapia de Grupo

A habilidade criativa do facilitador em ajudar a estabelecer um clima de crescimento coloca uma limitação à terapia de grupo. Com o papel do facilitador no grupo sendo menos central, a abordagem centrada na pessoa não é tão afetada neste sentido como as abordagens centradas no líder.

A falta de teoria completa, de facilitadores qualificados, de uma composição ótima, de controle de qualidade dos grupos de terapia, etc., podem não ser os maiores problemas da terapia de grupo. A notável habilidade do grupo para efetuar mudança pode se tornar também sua mais séria limitação.

Sigmund Koch (1972), por exemplo, tem criticado a natureza própria dos grupos de encontro como sendo autofrustradora no desenvolvimento das potencialidades humanas. Para a pessoa que funciona de forma relativamente rígida, distante de sentimentos pessoais, fechada na relação com os outros, incapaz de se apropriar e expressar o experienciar imediato, a terapia indubitavelmente pode ser útil para produzir um aumento das capacidades para "incrementar e manter" a

vida. Entretanto, a partir de um certo momento, o uso contínuo de atitudes e métodos que são efetivos para "terapia" irá provavelmente impedir os propósitos da tendência formativa. A "espiritualidade" de uma pessoa, por exemplo, escassamente compreendida pela maior parte dos psicólogos ocidentais, pode ser prejudicada por métodos que desenvolvem um egocentrismo.

A terapia de grupo pode se transformar em nada mais que um ardil condicionado para sociedades. Não é incomum governos de países solicitarem a seus cidadãos que se juntem a pequenos grupos, assim eles aprenderão a alterar ou apoiar a sociedade nas direções "corretas" (Whyte, 1974). A terapia de grupo centrada na pessoa, em função de seu enraizamento nas forças essenciais da vida e de seu amplo campo de aplicações, também corre o risco de desenvolver "crentes verdadeiros". Frank (1961) oferece uma boa revisão de métodos de técnicas evangélicas e de lavagem cerebral que podem ser usados por governos ou cultos para controlar seus membros:

Os meios pelos quais são produzidas mudanças na (pessoa que está sendo treinada) incluem um tipo particular de relacionamento e algum tipo de atividade sistemática ou ritual. A essência do relacionamento é que o (treinador) investe grande esforço em produzir, no estado físico ou atitudes (da pessoa que está sendo treinada) mudanças que ele considera benéficas. A atividade sistemática envolve caracteristicamente meios de incitamento emocional, freqüentemente até um ponto de exaustão. Isto pode ser altamente desagradável, mas ocorre no contexto de esperança e apoio potencial do (treinador) e do grupo.

(...) A (pessoa que está sendo treinada) pode ser solicitada a rever a sua vida passada em mais ou menos detalhes, com ênfase em ocasiões em que faltou com o comportamento requerido pela visão do mundo adotada, mobilizando assim culpa, que pode ser expiada apenas pela confissão e penitência. Isto serve para afastá-lo de seus padrões anteriores de comportamento e interação social e facilita sua aceitação pelo grupo que representa a ideologia à qual ele se converte. (p. 95)

Uma limitação da terapia de grupo sugerida por esses exemplos é esta: a preocupação com os meios de produzir mudança pode eclipsar a consecução dos objetivos mais importantes da terapia de grupo. Existe o perigo (mesmo na vida de um grupo) de que a nova cultura ou nova técnica ou teoria venha a ser considerada como "certa". Quando passada à nova "geração", ao invés de liberar a tendência formativa nas pessoas para guiar o desenvolvimento de uma pessoa completa, a experiência de grupo pode resultar simplesmente em novo condicionamento e preconceitos. Bill Coulson (1980) foi questionado por uma pessoa que acabava de retornar de um tão fa-

lado grupo centrado na pessoa: "Por que temos que ser centrados na pessoa, por que não podemos fazer o que quisermos?" O conselho de Coulson neste sentido é: "Talvez possamos almejar uma experiência de vida não confusa, o que para alguns se compatibilizará com a definição de terapia efetiva em voga, enquanto que para outros a experiência trará benefícios dos quais nunca teremos consciência."

A integridade do processo verdadeiramente centrado na pessoa pode ser preservada não nas formas de terapia, mas na própria tendência formativa. O facilitador deve ter a disposição de destruir sua própria teoria, de abandonar mesmo "o que funcionou da última vez", para trabalhar em qualquer que seja a forma que lhe permita seguir a realidade à medida que ela se desdobra. Viver em harmonia com as tendências formativas de um universo vasto e misterioso é, acima de tudo, caminhar no sentido de transgredir continuamente nossa pobre noção de terapia de grupo efetiva.

### Considerações Éticas

Qual é a posição ética implícita da facilitadora de grupo centrado na pessoa? Mais provavelmente ela adota as linhas éticas básicas da profissão. Em função de que a facilitadora de grupo centrada na pessoa está no grupo como qualquer outra pessoa humana, com sentimentos, opiniões, imperfeições, sua peculiaridade tem a ver com ser ela a promotora, a pessoa que provê a ocasião, ao invés de ter a ver com ser ela uma *expert* com um corpo de conhecimentos para distribuir com os outros. Esta posição evita muitos dos problemas éticos que surgem quando os membros do grupo se relacionam com uma autoridade que permanece fora da interação humana, tomando decisões e fazendo julgamentos por eles. "O grupo está numa melhor posição para um aprendizado multidirecional, comprometido com a vida", diz Coulson (1972), "se a facilitadora está nele com as pessoas, ao invés de estar isenta, de fora, ajoitando para que as pessoas adentrem áreas que ela não mapeou... nem assumirá as conseqüências de explorar." (p. 78)

A questão ética principal que surge para a facilitadora de grupo experimentada é se deve tentar preparar os participantes do grupo para experiências que podem não desejar, que podem nunca acontecer, mas que estatisticamente têm probabilidade de acontecer a alguns participantes. O divórcio, por exemplo, freqüentemente ocorre nas vidas de pessoas que têm participado em grupos. Ainda que isto não seja usualmente considerado, pelo participante do grupo, como tendo sido em última instância um efeito negativo, devemos informar às pessoas que tais mudanças podem ser "efeitos colaterais" do cres-

cimento pessoal? Devem as experiências de grupo ser consideradas da mesma forma que comida e drogas, o são, com dosagens e contra-indicações prescritas? Seria a gama de benefícios que uma pessoa pode alcançar com a terapia de grupo alterada ou limitada por ser ela considerada desta forma?

### Protocolo do Grupo

*Um homem, nunca tendo visto água, é nela atirado de olhos vendados, e a sente. Quando a venda é removida, ele sabe o que ela é. Até então, ele conheceu a água apenas por seu efeito.*

Jalaluddin Rumi (Shah, 1964, p. 38)

Rogers (1970) e Coulson (1970) têm descrito o processo do pequeno grupo centrado na pessoa, dando muitos exemplos de diálogos tirados de sessões de grupo. Exemplos também podem ser encontrados em Rogers e Wood (1974). As limitações de espaço permitem oferecer adicionalmente apenas breves exemplos de diálogo de sessões de grupo de terapia centrado na pessoa.

A expressão da mudança do significado sentido por um indivíduo é ilustrada neste exemplo do grupo de encontro filmado "Journey into Self" (MacGaw, 1968). Jerry, um homem de negócios de meia-idade, faz este comentário na primeira hora: "Temos um medo tremendo da insegurança e muitas vezes olhamos para trás (...) e das mesmas coisas a respeito das quais você estava inseguro — graças aos céus, você não pode se lembrar, e você gostaria de ter um sentimento honesto (...) e agir assim em todos os casos. Nisto é que as coisas saem fora dos trilhos porque você continua pensando sobre o que as outras pessoas têm como expectativa (...)"

Na quinta hora, Jerry fala assim: "Desde que as pessoas estejam interessadas eu... eu, de uma certa forma, gosto de estar perto de pessoas, mas aí eu... eu só gosto de ir até um certo ponto; daí eu não gosto de me aproximar muito das pessoas, e é porque... uh... é complicado..."

A medida que ele entra mais e mais em contato com o seu próprio experienciar, ele está começando a falar por si. Na décima primeira hora, Beth, um outro membro do grupo fala. A medida que ela começa a chorar, Rogers (o facilitador) nota que Jerry parece tocado.

Rogers: "Sem saber, ela deve estar falando pra você, Jerry."

Jerry: "Eu estou bem engasgado. Não conseguiria dizer muita coisa."



Beth continua a falar e a tristeza de Jerry cresce. Finalmente, Roz, uma outra participante do grupo, cruza o círculo de dez cadeiras e coloca seus braços em torno de Jerry. Ele começa a chorar.

Jerry chora por um longo tempo. Roz o abraça e chora também.

Roz (chorando): "Durante todo o tempo eu senti que ele não sentia nada profundamente. Nós o acusamos disto ontem a noite."

Beth: "Ele não foi capaz de expressar seus sentimentos."

Este exemplo ilustra não apenas o aprofundamento da capacidade de enfocação de Jerry, seguindo o seu experienciar, mas também, no momento certo, o cuidado e o efeito facilitativo de Roz que não é o facilitador oficial. Rogers, o facilitador, ouve com sensível interesse Beth e Jerry. Foi criado um clima que permite às pessoas e às relações se organizarem no sentido de simplificar a complexidade.

Coulson (1970) comenta o significado da experiência de Jerry: Jerry disse tanto na primeira quanto na quinta hora que o que ele estava tentando dizer era complicado. Mas na realidade não era complicado de forma alguma; ele queria chorar. E ainda assim o oposto era também verdade: era *tão* complicado que a única forma que poderia ser expresso era em lágrimas. Jerry nunca falou porque havia chorado e ninguém no grupo lhe perguntou... Mas eu acho que, mais profundamente, as lágrimas de Jerry podem ter sido para todos nós, que ele chorou porque às vezes é uma coisa dolorosa viver a vida. (pp. 4-5)

Na situação de grande grupo esta inquirição e questionamentos freqüentemente aumenta a confusão e frustração de uma pessoa que apresenta um problema pouco claro para o grupo. Na tentativa da pessoa de responder o que no momento é irrespondível, cresce a impaciência e o cansaço de alguns membros do grupo. Não é incomum para a pessoa que fala de suas dificuldades ser acusada em um determinado momento de estar perturbando a paz de espírito dos que escutam.

O exemplo seguinte mostra um resultado mais favorável para esta e outras situações que surgem numa comunidade de aprendizagem de cerca de cem pessoas. Neste episódio (redigido a partir de centenas de horas de interação) podem ser encontrados alguns dos aspectos do grupo de duas pessoas, do pequeno grupo e algo do sabor do processo de uma comunidade de aprendizagem.

"Estou preocupado com Galin", fala Francisco para a comunidade quando esta se aquieta para a reunião. "Ele não está aqui agora à noite e ele estava gritando e agindo agressivamente hoje à tarde."

Sally: "É, ele estava muito transtornado, mas agora ele está no quarto dele descansando".

Rosa (interrompendo murmúrios que se propagam pelo grupo): "Você parece mesmo interessado por Galin, Francisco."

Francisco: "Estou muito preocupado. Estou com medo de que ele precise se internar para tratamento. É horrível pensar nisso acontecendo a alguém. Ao mesmo tempo, tenho medo de que ele termine se machucando ou machucando alguém. Eu quero tratá-lo como pessoa, mas não sei o que fazer."

Sally: "Você não é responsável por ele."

Francisco: "Sim, eu sei. Mas estou interessado. Gostaria de ajudar. Existem tantos medicamentos diferentes, tantas abordagens diferentes de psicoterapia; é difícil, sabe. O que escolher?"

Bob: "O que significa isso pra você?"

Francisco: "É... bem, muito importante pra mim. Eu me formei em medicina, no exterior, com especialização em psiquiatria, e pratiquei por alguns anos em minha terra. Trabalhei muito duro para me preparar, estudando todas as teorias importantes e fazendo treinamento em várias áreas." (Levanta o olhar do cigarro que estava rolando vagarosamente entre os dedos; seu tom de voz abaixa.) "A despeito do melhor treinamento disponível e de existir em mim um desejo ardente de ajudar as pessoas... uh... eu me sinto terrivelmente... inadequado... Existem centenas de teorias de psicoterapia; em qual acreditar?"

Sally: "Ahh! Eu não acredito que as teorias sejam tão importantes de fato."

Robert: "Claro! Aposto que você é um esplêndido terapeuta."

Os membros do grupo tentam reafirmar Francisco, mas a cada conselho e a cada afirmação ele reaje com objeções mais fortes sobre sua inadequação como terapeuta, sobre seu treinamento, sobre seu preparo teórico.

Barbara: "Existe alguma coisa que você gostaria que nós lhe dêssemos, Francisco?"

Francisco: "Eu gostaria apenas de saber simplesmente o que é certo fazer."

Michael: "Você quer que alguém lhe diga o que fazer. Você tem que descobrir por você mesmo."

Francisco: "Não, não é exatamente isto... que eu gostaria que alguém me dissesse... bem, eu gostaria de saber."

Sally: "O que você faria se você tivesse todas as respostas?"

Francisco: "Eu... uh..."

Al: "Eu estou me sentindo sugado, aí você corre. Você não está nos dando *você*. Eu estou me sentindo manipulado em algum tipo de jogo e eu estou me irritando com isto."

Francisco: "Não é minha intenção... Bom, vamos discutir uma outra coisa qualquer."

Francisco fica tristemente confuso em sua cadeira. A expressão de desespero em sua face está agora sublinhada por sofrimento.

Ken: "Eu gostaria de dizer uma coisa a você, Francisco."

Ele descreve os sentimentos de Francisco, repetindo com suas próprias palavras o que Francisco disse sobre sua inadequação, sobre seu desejo de ajudar e sobre seu querer estar perto das pessoas. (Ken é um dos organizadores.)

Ken: "Consegui captar o significado do que você tem estado querendo expressar?"

Francisco: "Sim. Você me entendeu corretamente."

→ Ken: (numa voz suave) "Francisco, eu iria a você para tratamento... e eu mandaria uma pessoa querida minha para você".

A tensão se dissolve do corpo de Francisco. Secando as lágrimas, um rápido sorriso ilumina sua face.

Francisco: "É... agora eu entendo."

O entendimento de Ken falou à confusa mente intelectual de Francisco (incapaz de entender a questão não inteligível: "Qual é o significado de minha vida?"): "Sim, é claro; eu acredito que você está confuso, tão confuso quanto você está dizendo." E ao mesmo tempo o coração de Ken diz: "Eu acredito em você para me ajudar. Isto é o que interessa em terapia." A expressão de Ken é congruente com seus sentimentos; amabilidade e empatia estão fluindo a partir da intuição, não da razão. Ele não está tentando ser tranquilizador, nem seguindo uma técnica ou teoria; ele fala simples e honestamente a partir de seu próprio experienciar. Retornando ao referido direto, Francisco vive a experiência que o grupo não pode nem lhe falar nem lhe arrancar. Um longo silêncio pontua o tímido sorriso final de Francisco.

A conversa retorna a Galin. Está ele doente ou não? alguns dizem que está. Entre os que discordam existem duas opiniões. Um ponto de vista é que Galin "escolheu" entrar num estado alterado de consciência por pessoais (e misteriosas) razões de crescimento. "Não se deve interferir para que ele aprenda o que esta experiência pode

lhe ensinar". O outro ponto de vista (mais corrente, ainda que sem dúvida também sustentado por Cícero) é que Galin, responsável por seu estado mental, não está motivado para o crescimento, mas para a "loucura". Este estado é uma "manipulação" autofrustradora. "Ele deveria ser confrontado fortemente e não lhe deveria ser permitido tomar tempo e energia da comunidade com este comportamento."

Uma enfermeira psiquiátrica aposentada, um cardiologista e o irmão de um psiquiatra que tinha uma vez conversado com Carl Jung deram suas (contraditórias) sugestões de *expert* sobre como Galin deveria ser tratado. Uma outra pessoa queria usar o "poder espiritual de cura" da comunidade para efetuar uma cura.

Betsy: "Vamos todos unificar nossos corações, visualizar Galin, e enviar-lhe energia positiva." (nenhuma resposta)

Sally: "Estou realmente com raiva de você, Ken, por não se encarregar deste problema. Supõe-se que você sabe o que fazer."

Barbara: "Isto é um problema da comunidade, não apenas de Ken. Francisco é um psiquiatra e ele não sabe o que fazer. Todos nós temos responsabilidade aqui."

Robert: "Gostaria de ver Ken cuidando deste problema. Afinal de contas, ele é treinado."

Norma: "A última pessoa que eu gostaria que me ajudasse seria alguém que fosse treinado. Como eu encaro esta crise, a melhor pessoa para me ajudar sou *eu mesma*. A força dentro de mim é maior do que a que eu poderia conseguir de outra pessoa, não importa quão 'qualificada' ela é."

Ken: "Eu não sei a melhor forma de lidar com esta situação. Estou interessado em Galin e estou interessado também na 'saúde' da comunidade. Espero que a gente não se apavore. Eu espero que cheguemos a uma decisão sábia juntos. Sinto que precisamos saber a percepção (incluindo a de Galin) de cada pessoa sobre o 'problema' e realmente entender este ponto de vista. Se pessoas bastante se tornarem 're-centradas' numa nova percepção mais completa, talvez prevaleça o nosso melhor julgamento e possamos escolher uma conduta em que se trate Galin não como uma doença, como um inimigo ou como um guru, mas como o que ele realmente é em toda a complexidade dele."

Ken não está no papel de líder ou especialista, mas vive neste evento como um aprendiz curioso, questionador, que quer fazer tudo quanto pode fazer, mas não o que não pode. Ele admite que não sabe o que fazer. Não vai desistir entretanto. Podemos permanecer todos juntos e encarar esta crise e achar uma solução decente?

Frederick (sua voz é baixa e pensativa): "Eu poderia ter sido útil a Galin na crise dele. Eu saí do quarto dele naquela noite e

agora eu sinto ter feito aquilo. Eu cedi lugar para os 'especialistas' e para as 'pessoas treinadas', pensando que elas poderiam ajudar Galin mais do que eu. Agora estou começando a ver que talvez, numa situação dessas, não existam especialistas e que ele precisa do meu apoio."

O estado de espírito se torna quieto e pensativo à medida que outros começam a falar de sua disposição de aceitar seu medo; podem viver com ele. Um longo silêncio conclui a reunião.

\* \* \*

No dia seguinte, Galin perturba pessoas que estão tomando banho de sol no pátio. Quebra um copo na cozinha onde anda descalço; depois atira uma garrafa de cerveja que se quebra no fundo da pequena piscina do pátio. Pelo que se falou, tenta morder Enrique no braço.

Alguns membros da comunidade são tolerantes. Muitos aceitam Galin e suas artimanhas. Outros tornam-se distantes e com medo dele. Seja o que for que sintam, cada pessoa vive em um ambiente "nervoso".

O encontro da noite começa com um silêncio pesado. Algumas pessoas falam finalmente, mas sem vida. Pulam de um assunto para outro.

Frederick (depois de um silêncio inquieto): "Tive uma experiência muito boa com Galin hoje. Entrei na viagem dele. Foi incrível. Na universidade eu ensino filosofia, e, sendo de uma família alemã, sempre usei a cabeça. Hoje eu usei meu corpo sem pensar. Estou cansado agora e sem energia, mas muito iluminado por este dia."

Eles tinham pulado, dançado, rosnado, se espetado, e estiveram sentados juntos em silêncio. Frederick tinha entrado no "mundo" de Galin e sente ter aprendido muito. Ele apreciou o seu "professor do dia".

Várias pessoas fazem considerações anedóticas de comportamentos "encorajadores" que tinham vislumbrado em Galin hoje. Observações "positivas" que ele tinha feito são lembradas com tocantes momentos de inocência. Outros fazem considerações sobre quão "grave" está sendo o comportamento de Galin, os comentários "insultuosos" que ele fez, os gestos "obscenos" que ele não pôde se impedir de fazer.

Louise: "Me parece que estamos julgando Galin. Eu não acho que seja necessário julgá-lo 'bom' ou 'ruim'. O que é importante é decidir o que fazer sobre este problema na comunidade."

Enrique (um dos organizadores, falando alto e com convicção): "Eu estou farto de Galin por aqui. Estou cheo dessa chateação. Ele está manipulando o "inferno" na gente e ele é um tremendo incômodo. Eu quero que ele se adapte ou vá pro inferno."

Novamente, ainda que de uma natureza diferente, uma expressão de um organizador coloca sua experiência interior. Ele está sendo quem ele é no grupo. Sem dúvidas, ele está em processo de modificação à medida que segue a mudança de sua experiência interior.

Michael: "Eu sou só um leigo, não um psicólogo. Mas estou furioso com os psicólogos aqui. Ao grupo todo tem sido dada um tipo de aula de diagnóstico sobre comunidade. Vocês não estão só tentando precipitar uma crise com esta técnica de não-diretividade? Por que vocês não aplicam algum medicamento em Galin e continuamos com o que estamos aqui para fazer? Eu estou exausto com esta discussão sem fim."

Virginia (uma das promotoras): "Este problema tem milhares de anos de idade e ainda domina povos civilizados. Seria fácil transportar Galin para um hospital psiquiátrico, livrarmo-nos dele e nos desembaraçarmos do problema. É muito mais difícil compreender uma sabedoria coletiva que o considerará uma pessoa respeitável e também nos deixará a todos com um senso de dignidade. O modo como nos mobilizamos para uma decisão é crucial, eu acho, para o futuro da humanidade. Como tratamos de nós mesmos, mesmo na loucura, é uma coisa muitíssimo importante."

Virginia move-se facilmente entre sentimentos e idéias. Ela não se orienta por conceitos ou teorias, mas busca, ouve, uma solução neste momento único.

Mário: "Eu concordo. As questões que estamos abordando são alguns dos aspectos centrais de vivermos como seres humanos uns com os outros. Insanidade, liberdade, respeito, responsabilidade, como viver sábia e cooperativamente, o que pode ser mais urgente? Qualquer que seja o caminho não é fácil. Estamos tentando o nosso próprio melhor caminho juntos."

Muitos acrescentam seus conselhos numa explosão de colocações:

"Devemos tratar Galin como *pessoa*."

"Acho que devemos deixá-lo fazer o que lhe agradar."

"Devemos procurá-lo e dar-lhe apoio."

"Leve-o embora. Leve-o para fora daqui."

"Chame um psiquiatra."

Parece que toda a discussão do dia anterior vai ser repetida.

Neste momento, o próprio Galin chega. Tinha decidido participar da reunião. Ele move-se vagarosamente. Algumas pessoas vão recepcioná-lo e confortá-lo. Muitas pessoas expressam francamente sua raiva, medos; expressam seu cuidado. Francisco confessa achar que Galin está agindo estranhamente, amedrontando um monte de pessoas e que ele está preocupado. Está também interessado no preço que este comportamento está custando a Galin. As pessoas são "reais" com Galin. Muitos estão preocupados com ele e dizem isto. Ele está visivelmente tocado pelo interesse expressado e diz que acha que o melhor caminho para ele deve ser ir embora. Ele vai pensar nisto.

Sem nada mais para fazer ou dizer as pessoas se levantam de seus lugares, abraçam-se uma às outras e saem para o jantar discutindo uma festa que pode ser realizada amanhã.

Na reunião da manhã, Galin aparece limpo, barbeado, pela primeira vez em alguns dias. Seu cabelo está lavado e bem penteado e está vestindo uma roupa limpa. Fala sem trejeitos, completamente na "realidade consensual". Passou várias horas na noite passada (como nas noites anteriores) em uma discussão com Frederick, Mário e Sally com quem tinha formado amizades íntimas.

Galin (numa voz forte): "Tenho aprendido muito sobre mim mesmo aqui. Eu tinha de fazer isto. Mas eu realmente preciso ir para casa agora. Preciso descansar, me afastar deste barulho, destas pessoas, da 'energia' daqui. Em casa eu posso estar quieto no meu jardim, com minha própria música, com minhas próprias coisas pessoais ao redor de mim. Eu e Saturna. Eu tenho uma gata, sabia? Em minha própria casa eu posso refletir sobre o que me tem acontecido aqui. Pedi a Frederick e a Mário para me levarem de carro."

David: "Eu posso ir também?"

Galin: "Pode, eu gostaria muito."

Mais de uma hora é gasta em despedidas cheias de lágrimas.

Chegando em casa, Galin telefona para dizer à comunidade que está seguro com sua família, seus amigos, seu próprio terapeuta; sente-se muito cansado, vulnerável, mas também cuidado e seguro.

\*\*\*

Todo este grupo encarou a ruptura de sua comunidade de uma nova forma e tomou as melhores decisões possíveis. Cada pessoa foi parte das deliberações. Ninguém, menos ainda Galin, foi mantido fora das discussões. Galin tomou suas próprias decisões. Ninguém decidiu por ele. Ainda assim, cada pessoa contribuiu para a "res-

posta" eventual. Momento a momento o curso dos acontecimentos foi "decidido". Neste processo, curando a si mesma, transcendendo-se, a comunidade foi completamente "bem-sucedida".

Para um tempo e local diferente e um outro grupo de indivíduos, sem dúvida, o resultado seria diferente. Mas se as pessoas falarem francamente e permanecerem abertas à surpresa, esse grupo foi convincente, a melhor decisão não pode ser evitada.

Em termos de "curar" alguém com "doença mental" ou reintegrar Galin à comunidade, eles confessaram o seu fracasso. Galin teve de voltar para casa. Isto não significa, concordou-se nisto, que eles foram uma comunidade "ruim". Eles encontraram seus limites. Não tomaram o caminho fácil. Viveram os seus limites.

### Resumo

A terapia de grupo centrada na pessoa ganhou sua reputação e desenvolveu sua efetividade voltando a atenção e seguindo a pessoa como guia. No mundo interior da pessoa foi encontrada a capacidade para autocura, para o crescimento no sentido da inteireza, e os meios para guiar a vida de alguém com segurança. O experienciar direto da pessoa, o *insight* vivo da pessoa é uma autoridade capaz, à qual pode-se retornar para se desvelar uma mais íntima aproximação da verdade. Com um coração aberto a experiência pode ser checada, corrigida, movida para adiante sob a influência da tendência formativa da vida.

Não filosofia, mas o trabalho real com pessoas conduziu a contínuos melhoramentos e (às vezes radicais) desenvolvimentos na teoria e formas terapêuticas — o grupo de duas pessoas, pequeno grupo e grande grupo. O objetivo da terapia de grupo centrada na pessoa é criar um evento onde as pessoas "ouçam ao que lhes é dado ser", onde elas possam viver conscientemente em harmonia com a tendência formativa à medida que ela cria um indivíduo completo e um membro sábio da espécie humana.

Os participantes deste evento trazem uma disposição para o seu encontro. Os chamados "clientes" trazem uma disposição para seguir sua experiência direta. Novas consciências é a interação delas com o eu atual lentamente mudam o modo de estar no mundo do cliente. O chamado "terapeuta" traz a habilidade de experimentar e expressar o seu cuidado autêntico e sensibilidade para com a outra pessoa. Esta pessoa traz também uma disposição para viver em um ambiente que criam juntos — o aborrecimento, hilaridade, conversa miúda, em

um processo que angustiosa e belamente se revela — e para ser modificado pela experiência viva.

Finalmente, quando se considera os motivos da facilitadora de grupo centrado na pessoa, eles permanecem consistentes (sem considerar a linguagem antiga) com os sentimentos do reverendo Elwood Worcester, quando reitor da Emmanuel Church em Boston; em 1905 ele e Joseph Henry Pratt, conduziram o que é amplamente considerado como a primeira sessão de terapia de grupo realizada na América do Norte. Worcester descreveu sua atitude: "Como não estamos tentando estabelecer nenhum dogma novo, e como nossos motivos são inteiramente desinteressados, nosso único desejo é dar a cada paciente a melhor oportunidade de vida e saúde que nossos meios permitam" (Pinney, 1978, p. 111).

### Leituras Sugeridas

Artigos, livros e filmes marcados com um asterisco (\*) são sugeridos para estudo posterior.

### REFERÊNCIAS

- Aspy, D. N., & Roebuck, F. N. From humane ideas to human technology and back again many times. *Education*, 1974, 95 (2), 163-171.
- Assisi, J. (diretor). "O Xente, Pois Não" (documentário). Rio de Janeiro: Zodiaco, 1972.
- Batchelder, R. L., & Hardy, J. M. *Using sensitivity training and the laboratory method*. Nova York: Association Press, 1968.
- Bebout, J. Basic encounter groups: Their nature, method, and brief history. In H. Mullen & M. Rosenbaum (orgs.), *Group psychotherapy: Theory and practice*. Nova York: Macmillan, 1976.
- Bebout, J., & Gordon, B. The value of encounter. In L. N. Solomon & B. Berzon (orgs.), *New perspectives on encounter groups*. San Francisco: Jossey-Bass, 1972.
- Borges, J. L. *Selected poems 1923-1967*. Nova York: Dell, 1972.
- \* Bowen, M., Miller, M., Rogers, C. R., & Wood, J. K. Learnings in large groups: Their implications for the future. *Education*, 1979, 100 (2), 108-116.
- \* Bozarth, J. D. Large group therapy via the community group. In G. Gazda (org.), *Innovations in group psychotherapy*. Springfield, Ill.: Charles C. Thomas, 1980.
- Buber, M. *Pointing the way*. Nova York: Harper & Row, 1957.
- \* Cartwright, D. Annotated bibliography of research and theory construction in client-centered therapy. *Journal of Consulting Psychology*, 1957, 4, 82-100.

- Coulson, B., Land, D., & Meador, B. (orgs.). *The La Jolla experiment: Eight personal views*. La Jolla: Landmark Press, 1977.
- \* Coulson, W. R. Major contribution: Inside a basic encounter group. *The Counseling Psychologist*, 1970, 2 (2), 1-34.
- \* Coulson, W. R. *Groups, gimmicks and instant gurus*. Nova York: Harper & Row, 1972.
- Coulson, W. R. Comunicação pessoal, 29 de junho de 1980.
- Culbert, S. A. Trainer self-disclosure and member growth in two T-groups. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 1968, 4 (7), 47-73.
- Dies, R. R. Group therapist self-disclosure: An evaluation by clients. *Journal of Counseling Psychology*, 1973, 20 (4), 344-348.
- Foster, W. Sufi studies today. In *The world of the sufi*. Londres: Octagon Press, 1979.
- \* Frank, J. D. *Persuasion and healing: A comparative study of psychotherapy*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1961.
- Gendlin, E. T. Client-centered and experiential psychotherapy. In D. A. Wexler & L. N. Rice (orgs.), *Innovations in client-centered therapy*. Nova York: John Wiley & Sons, 1974.
- \* Gendlin, E. T. *Focusing*. Nova York: Everest House, 1978.
- \* Gendlin, E. T., Beebe, J., Cassens, J., Klein, M., & Oberlander, M. Focusing ability in psychotherapy, personality and creativity. In J. M. Schlein (org.), *Research in psychotherapy* (Vol. 3). Washington, D. C.: APA, 1968.
- Gibb, J. R. The effects of human relations training. In A. E. Bergin & S. L. Garfield (orgs.), *Handbook of psychotherapy and behavior changes*. Nova York: John Wiley & Sons, 1971.
- Keats, J. *The complete poetical works of Keats*. Boston: Houghton Mifflin, 1899.
- Kirtner, W. L., & Cartwright, D. S. Success and failure in client-centered therapy as a function of client personality variables. *Journal of Consulting Psychology*, 1958, 22 (14), 259-264.
- Koch, S. An implicit image of man. In L. N. Solomon & B. Berzon (orgs.), *New perspectives on encounter groups*. San Francisco: Jossey-Bass, 1972.
- Lieberman, M. Joyless facts? A response to Schutz, Smith, and Rowan. *Journal of Humanistic Psychology*, 1975, 15 (2), 49-54.
- Lieberman, M. A., Yalom, I. D., & Miles, M. B. *Encounter groups: First facts*. Nova York: Basic Books, 1973.
- \* McGaw, W. H., Jr. (produtor). *Journey into self* (documentário). La Jolla, Calif.: Western Behavioral Science Institute, 1150 Silverado, La Jolla, Calif., 92037, 1968.
- \* McGaw, W. H., Jr. (produtor). *Because that's my way* (documentário). Pittsburgh: WOED National Educational Television, G. P. N. Films, Box 80669, Lincoln, Neb., 68501, 1971.
- \* McGaw, W. H., & Rice, C. P. (produtores). *The steel shutter* (documentário). La Jolla, Calif.: Center for Studies of the Person, 1125 Torrey Pines Rd., La Jolla, Calif., 92037, 1973.